

DESENHO ANIMADO E CONFLITOS INTERPESSOAIS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Dilian Martin Sandro de Oliveira

Faculdade de Filosofia e Ciências-Unesp-Marília

Alessandra de Morais-Shimizu

Faculdade de Filosofia e Ciências-Unesp-Marília

Resumo: Dentro de uma perspectiva construtivista sobre os estilos de resolução de conflitos, esta pesquisa teve como objetivos compreender a influência que a veiculação dos conteúdos presentes no desenho animado pode ter na forma como as crianças resolvem conflitos hipotéticos e reais e verificar o efeito de um determinado Programa de Intervenção. A pesquisa foi de delineamento quase experimental e teve uma amostra de 30 crianças de seis a onze anos de idade, distribuídas de forma aleatória em um Grupo Controle (GC) e dois Grupos Experimentais (GE1 e GE2), cada um composto por dez integrantes. Foram realizadas sessões de exposição do desenho animado Ben 10 no GE1 e no GE2, e a aplicação de um Programa de Intervenção voltado para o desenvolvimento de formas mais assertivas de resolução de conflitos no GE2. Para verificar o efeito da exposição aos desenhos e do Programa de Intervenção nos estilos de resolução de conflitos foram feitas sessões de observação das ações das crianças, em momentos de recreação livre, e aplicada a Children's Action Tendency Scale-CATS, ambos os recursos foram empregados como pré e pós-teste nos três grupos (GC, GE1 e GE2). Os resultados demonstraram que, com relação às comparações inter e intragrupos, relativas ao pré e pós-teste, verificou-se que as variações intergrupos do pré-teste, tanto na CATS como nas observações, não foram estatisticamente significantes, porém houve uma predominância do estilo agressivo nos três grupos. Nas comparações Intragrupos entre pré e pós-teste da CATS, obtiveram-se diferenças significantes no GC no estilo agressivo (pré>pós) e submisso (pré<pós), no GE1 no assertivo (pré<pós) e submisso/assertivo (pré>pós); na comparação Intragrupos das observações não houve diferenças estatisticamente significantes, porém foi possível verificar um aumento do estilo agressivo no GC e diminuição do estilo agressivo no GE2. Com base nos dados analisados e

na fundamentação teórica deste estudo afirmamos que, apesar do Programa de Intervenção não ter apresentado efeitos estatisticamente significantes, algumas diferenças foram importantes, pois no grupo que participou do Programa as formas agressivas diminuíram no pós-teste.

Palavras-Chave: Desenvolvimento Moral; Desenho Animado; Estratégias de Resolução de Conflitos.

Introdução

Como os conteúdos transmitidos nos desenhos animados influenciam na forma como as crianças resolvem conflitos hipotéticos e reais? Uma intervenção, pensada e elaborada para as crianças telespectadoras influenciaria na forma como seus conflitos são resolvidos? Esses foram os questionamentos que permearam essa pesquisa, que teve como objetivo verificar o efeito de um determinado Programa de Intervenção no favorecimento de formas mais apropriadas de resoluções de conflitos interindividuais.

Nosso referencial teórico parte de um pressuposto construtivista, através dos estudos de Piaget (1932/1994) que estudou as regras do jogo, para assim chegar a uma teoria da formação moral, pois segundo ele “toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras” (1932/1994, p. 23). Em seus estudos sobre a temática Piaget conclui que existem duas morais: a da heteronomia, baseados na coerção, respeito unilateral e a da autonomia, fundamentada no respeito mútuo e cooperação.

Entendemos que, assim como há uma evolução no desenvolvimento moral da criança, isso ocorre também nas formas de resolução de conflitos, pois para que as situações de conflito sejam resolvidas de maneira satisfatória é preciso um trabalho cognitivo em função de um processo de descentração, o que implica operações de reciprocidade, segundo Vicentin (2009).

De acordo com Vinha (2003), os conflitos são interações em desequilíbrio e estão presentes em nosso cotidiano permeando o ambiente familiar, o trabalho, a escola e nossas relações interpessoais e estes podem ser ferramentas de aprendizado, tudo vai depender do processo empregado para sua resolução e da maneira como os compreendemos. Vicentin (2009) esclarece que os conflitos podem se referir tanto a situações individuais e internas, como a coletivas e externas, e que ambos os aspectos são interdependentes. Apesar de muitas vezes serem considerados somente como um fator perturbador e prejudicial, a autora indica, com base em diversos autores, e especialmente na perspectiva Construtivista, que os conflitos

podem contribuir com o desenvolvimento psicológico, ao serem desencadeadores de desequilíbrios que favorecem a busca de novos equilíbrios e a construção de novas formas de ação e compreensão da realidade.

Um dos precursores nos estudos sobre estilos de resolução de conflitos é o norte americano Robert Deluty. Segundo o autor, conflitos interpessoais são “[...] situações de interação social de confronto, desacordo, frustração, etc” (Deluty, 1981, como citado em Leme, 2004, p. 367) e essas situações pedem uma forma de resolvê-los. Deluty (1979) identificou três tendências ou estratégias de resolução de conflitos: agressiva, submissa e assertiva, conceituando-as da seguinte forma:

- Comportamento Agressivo: fazem valer sua opinião, seus direitos sem considerar o dos outros, há um enfrentamento da situação conflituosa, porém utiliza-se da coerção, da violência e do desrespeito.

- Comportamento Submisso: considera os direitos dos outros, assim como no assertivo, porém não levam em conta seus próprios direitos, não há enfrentamento do conflito e sim uma esquiva, fugindo do mesmo.

- Comportamento assertivo: há o enfrentamento do conflito fazendo ouvir suas opiniões e direitos, porém sem usar de coerção, levam em consideração seus direitos e os dos outros.

Segundo Vicentin (2009) cada um dos estilos resulta em uma implicação. Para Monjas; Caballo (2005, como citado em Vicentin, 2009) o estilo agressivo pode reverter em danos para ambas às partes envolvidas no conflito e esses danos podem ser internos ou externos como, por exemplo, uma pessoa que adota o estilo agressivo de resolver seus conflitos pode ter sentimentos de frustração, solidão, raiva exagerada e, ainda, pode afastar as pessoas de si. Também se corre o risco de em alguma situação de conflito encontrar alguém com o mesmo estilo de resolução e assim redundar em violência e em danos à integridade física dos envolvidos.

Geralmente, temos uma ideia equivocada de que as pessoas submissas são “boazinhas” e, sendo assim, não fazem mal a ninguém e nem a elas, porém segundo Monjas; Caballo (2005, como citado em Vicentin, 2009) essas pessoas também podem se sentir frustradas, ansiosas e infelizes, por não atingirem seus objetivos e sempre abrirem mão de seus desejos, sendo dependentes dos outros, portanto, heterônomas.

O estilo assertivo é o que mais favorece a autonomia moral, pois segundo Vicentin (2009) na forma como o conflito se encerra pode não prevalecer suas opiniões, mas o que

realmente importa é a livre expressão, a liberdade de expor o que pensa, de saber que naquela situação você foi ouvido.

Nossa pesquisa vem ao encontro da afirmação de Leme (2004) quando nos diz que é preciso programas escolares com a intenção de utilizar o conflito como oportunidade de desenvolvimento aos educandos, nos quais a criança seja estimulada a resolver seus próprios conflitos a fim de buscar sua autonomia moral.

O tema mídias e sua influência sobre o comportamento humano suscita muitas discussões, uma vez que é possível encontrar pesquisas com diversos referenciais teóricos e abordagens metodológicas, o que indica a possibilidade de múltiplos olhares a respeito, é uma temática controversa e cabe aos educadores e pesquisadores da área da Psicologia do Desenvolvimento aprofundarem nesse assunto e foi isso que fizemos durante nossa pesquisa.

Pudemos encontrar autores que enfocaram no tempo em que as crianças se destinam a assistir televisão (Oliveira, 2011; Fazollo, 2010; Chávez e Virrueta, 2009; Oliveira, 2006; Vidigueira, 2006, Fernandes, 2003; Silva; Fonseca e Lourenço, 2002; Boynard, 2002; Pacheco, 1985) fator considerado importante nos estudos a respeito. Outros autores estudaram o consumismo desenvolvido nas crianças através dos programas televisivos (Fiates, Amboni e Teixeira (2008); Rossi et. al (2010); Dorneles et al (2009) e inclusive pelos desenhos animados.

Uma questão que é sempre levantada nos estudos sobre as mídias, em especial sobre programas televisivos, é a veiculação da violência, e pesquisas a esse respeito são bastante comuns em investigações americanas (Garcez, 2010) e se tornou uma necessidade, em uma sociedade onde a violência se propaga e cresce a cada dia.

Pereira Júnior (2008), Linder e Gentile (2009) e Belloni (2001) salientam que as crianças passam a admitir a violência, transmitida pela televisão, como normativa e aceitável, pois, como as informações são trazidas muito rapidamente, ficam apenas no plano superficial, das aparências, sem dar tempo ao telespectador de refletir sobre as situações; além disso, não só a agressão física deve ser levada em conta, mas também a agressão verbal e indireta, que, aliás, aparece em grande número nos programas televisivos.

Por outro lado, há autores como Boynard (2002) que apontam que os desenhos animados são repletos de temas como relações familiares, meio ambiente, violência, sexualidade, tecnologia, morte, entre outros, que permeiam o imaginário infantil e pode auxiliar no enfrentamento das situações reais.

Material e Métodos

A pesquisa foi realizada em uma Unidade de Assistência Social, a crianças e jovens, de um município do interior paulista e teve como delineamento quase experimental de abordagem quali-quantitativa. O Grupo Experimental 1 participou de uma sessão semanal de exposição de desenho animado, com um episódio cada, totalizando dez sessões, e o Grupo Experimental 2, de uma sessão semanal de exposição do desenho animado, com um episódio cada, seguida imediatamente de atividades relativas ao Programa de Intervenção, com 40 minutos de duração, somando dez sessões de exposição de desenho animado e doze sessões da respectiva intervenção. O Grupo Controle não participou das sessões de exposição do desenho animado, nem sequer do Programa de Intervenção. Cada grupo foi composto por dez crianças, somando um total de 30 crianças participantes.

Os três grupos participaram de pré e pós-teste, com a aplicação da Children's Action Tendency Scale - CATS, assim como das sessões de observações.

O programa estatístico usado para a análise dos dados foi o software IBM© SPSS© Statistics Version 19,0. Na análise das respostas relativas à Children's Action Tendency Scale – CATS (Deluty, 1981), as categorias também foram identificadas com base nas tendências e/ou estilos de resolução de conflitos utilizados por Deluty (1981) e Vicentin (2009): Agressivo (AG), Submisso (SU), Assertivo (AS), Agressivo/Submisso (AG/SU), Agressivo/Assertivo (AG/AS) e Submisso/Assertivo (SU/AS). A verificação da pertinência das categorias foi realizada com o auxílio de uma juíza com conhecimento na área, sendo então calculado o Índice de Concordância, entre a juíza e a pesquisadora, sendo que o valor alcançado foi de 70%, o qual é considerado satisfatório na literatura (Fagundes, 1999). Em continuidade, foram verificadas a frequência e a porcentagem com que os diferentes estilos compareceram.

Resultados e Discussões

Os resultados do pré teste da escala intergrupos demonstraram que no Grupo Controle (GC), os maiores valores medianos foram nos estilos puros agressivo e assertivo (ambos com mediana = 25,00), no Grupo Experimental 1 (GE1), o maior valor mediano foi no estilo puro agressivo (com mediana = 25,00) e no Grupo Experimental 2 (GE2), o maior valor mediano foi no estilo puro submisso (com mediana = 30,00). Nas observações do pré teste intergrupo constatou-se que no Grupo Controle (GC), o maior valor mediano foi no estilo puro agressivo (com mediana = 33,00), no Grupo Experimental 1 (GE1), o maior valor mediano foi no estilo

puro agressivo (com mediana = 55,00) e no Grupo Experimental 2 (GE2), o maior valor mediano encontrado foi no estilo puro agressivo (com mediana = 45,00).

O desenho escolhido pelas crianças para as sessões de exposição foi o *Ben 10 Omniverse* (todos os episódios da temporada)

A maior parte das sessões do Programa de Intervenção iniciou com a exposição do episódio do desenho selecionado (o mesmo e na sequência daqueles projetados ao GE1) e, em seguida, partíamos para as discussões e atividades (apenas em duas sessões o desenho não foi projetado). As questões que iniciaram as discussões foram pensadas com base nos estudos realizados por Tardelli (2010) que utilizou filmes e desenhos animados para trabalhar com diversos tipos de conflitos, afetividade e sentimentos entre as crianças.

Ao final de todas as atividades fizemos uma avaliação na qual foram colocadas as seguintes questões: o que vocês mais gostaram no encontro de hoje, o que não gostaram e quais as sugestões para o próximo encontro. A lógica das atividades propostas no Programa seguiu conforme o episódio assistido, em cima de cada episódio as atividades eram pensadas e elaboradas.

Os resultados referentes ao pós teste da escala no intergrupo demonstraram que no Grupo Controle (GC), o maior valor mediano foi no estilo puro submisso (com mediana = 40,00), no Grupo Experimental 1 (GE1), o estilo puro assertivo teve a mediana de maior valor (mediana = 30,00) e no Grupo Experimental 2 (GE2), o maior valor mediano foi no estilo submisso (com mediana = 30,00). Nas sessões de observação no Grupo Controle (GC), o estilo puro agressivo teve a mediana de maior valor (mediana = 100,00), no Grupo Experimental 1 (GE1), o maior valor mediano foi no estilo puro agressivo (com mediana = 25,00) e no Grupo Experimental 2 (GE2), o maior valor mediano foi no estilo puro assertivo (com mediana = 12,00)

Nas comparações Intragrupo pré e pós teste da CATS pudemos visualizar que no Grupo Controle (GC), as diferenças foram significantes no estilo agressivo, em que a mediana verificada no pré-teste (mediana = 25,00) foi superior àquela apresentada no pós-teste (mediana = 5,00), e submisso, no qual a mediana do pré-teste (mediana = 15,00) foi inferior à obtida no pós-teste (mediana = 40,00). No Grupo Experimental 1 (GE1), houve diferenças estatisticamente significantes nos estilos assertivo, no qual a mediana apresentada no pré-teste (mediana = 20,00) foi inferior à obtida no pós-teste (mediana = 30,00), e no submisso/assertivo, em que a mediana apresentada no pré-teste (mediana = 10,00) foi superior àquela do pós-teste (mediana = 0,00). No Grupo Experimental 2 (GE2), não foram verificadas diferenças significantes, apesar de ser possível visualizar uma variação importante no estilo

submisso/assertivo, no qual a mediana do pré-teste (mediana = 0,00) foi inferior à obtida no pós-teste (mediana = 20,00).

Nas comparações Intragrupo pré e pós teste das observações no Grupo Controle (GC), as diferenças não foram significantes, no entanto ressalta-se a variação no estilo agressivo, em que a mediana verificada no pré-teste (mediana = 33,00) foi bem inferior àquela apresentada no pós-teste (mediana = 100,00). No Grupo Experimental 1 (GE1), não foram verificadas diferenças significantes e no Grupo Experimental 2 (GE2), também não houve diferenças estatisticamente significantes, porém observa-se uma variação importante no estilo agressivo, no qual a mediana apresentada no pré-teste (mediana = 45,00) foi superior à obtida no pós-teste (mediana = 0,00).

Durante o processo de análise dos resultados, ao nos depararmos com as diferenças de resultados entre os obtidos pela CATS e os decorrentes das observações, decidimos verificar se haveria, no pré e pós-teste, diferenças estatisticamente significantes na forma como as crianças resolvem os conflitos hipotéticos no juízo com relação a como agem diante conflitos reais. Essa análise foi realizada intragrupo e chegamos aos seguintes resultados relativos ao pré teste:

- no Grupo Controle (GC), não foram verificadas diferenças significantes entre a entrevista e as observações.

- no Grupo Experimental 1 (GE1), não foram verificadas diferenças significantes entre a entrevista e as observações.

- no Grupo Experimental 2 (GE2), houve diferenças estatisticamente significantes no estilo submisso, no qual a mediana apresentada na CATS (mediana = 30,00) foi superior a obtida na observação (mediana = 5,00), no estilo assertivo, no qual a mediana apresentada na CATS (mediana = 20,00) foi superior à obtida na observação (mediana = 4,00), e no estilo agressivo/assertivo, em que a mediana apresentada na observação (mediana = 16,00) foi superior a alcançada na CATS (mediana = 0,00).

Em relação ao pós teste:

- no Grupo Controle (GC), houve diferença estatisticamente significante no estilo submisso, no qual a mediana apresentada na CATS (mediana = 40,00) foi superior a obtida na observação (mediana = 0,00). Destaca-se, ainda, a diferença no estilo agressivo, apesar de não atingir o índice de significância, porém estando próximo a ele, em que a mediana apresentada na CATS (mediana = 5,00) foi inferior a alcançada na observação (mediana = 100,00).

- no Grupo Experimental 1 (GE1), não foram verificadas diferenças significantes entre a entrevista e as observações.

- no Grupo Experimental 2 (GE2), não foram verificadas diferenças significantes entre a entrevista e as observações.

Na análise do pré-teste da CATS pudemos perceber que, apesar das diferenças entre os grupos não terem sido estatisticamente significantes, foi possível visualizar que o estilo agressivo compareceu com os maiores valores medianos nos Grupos Controle e Experimental 1, marcando uma presença importante. Os demais estilos – assertivo e submisso - também foram apresentados pelos diferentes grupos. Nas observações, por sua vez, o estilo agressivo compareceu com maior predominância e nos três grupos. Esses resultados indicam que, no pré-teste, a forma de resolução de conflito agressiva foi uma das mais utilizadas pela maioria das crianças em situações hipotéticas e, sobretudo, em situações reais. No Grupo Experimental 2, na entrevista o maior valor mediano foi encontrado no estilo submisso.

Esse fator vem justificar a aplicação do nosso Programa de Intervenção. O referido Programa foi sendo elaborado a cada semana, por isso houve uma flexibilidade e a possibilidade de trocas com as crianças, uma vez que as opiniões delas foram fundamentais para a elaboração de cada atividade, pensada para elas. O que pude perceber é que elas não estavam acostumadas a serem ouvidas, o autoritarismo é o estilo que mais entendiam, o obedecer por dever e quando se depararam com uma proposta diferente eles não souberam lidar muito bem, no início, pois não prestavam atenção nas atividades, mais brigavam entre si do que realizavam as atividades propostas, todo momento eu tinha que chamar a atenção para o que estava acontecendo ali no momento. Com isso, senti que em alguns momentos eles não se envolveram, mas com o decorrer dos dias, com a familiaridade comigo, eles começaram a entender o sentido das atividades e se posicionar, seja a favor ou, até mesmo, contra.

Ao procurar verificar o efeito do Programa de Intervenção, buscamos os resultados das análises inter e intragrupos, de modo a averiguarmos se encontraríamos mudanças ou variações importantes. No que se refere aos resultados intergrupos do pós-teste, na CATS, obtivemos variações significantes somente no estilo submisso, no qual o Grupo Controle apresentou o maior valor mediano, quando comparado aos demais grupos. Quando olhamos o conjunto dos valores nos diferentes estilos, observamos que no Grupo Controle o maior valor mediano foi no estilo submisso, no Grupo Experimental 1 o maior valor mediano foi no estilo assertivo e no Grupo Experimental 2 no estilo submisso. Pôde-se perceber, ainda, uma sutil diferença entre pré e pós-teste na análise geral da CATS, pois o estilo agressivo, que no pré-

teste apareceu com valor considerável, apresentou valores baixos no pós-teste, independentemente da análise por grupo, cedendo lugar aos estilos submisso e assertivo.

Ainda no que tange à análise intergrupos, no pós-teste referente às sessões de observação, apesar de não terem sido encontradas diferenças significantes, constatou-se que o valor mediano do estilo agressivo foi marcadamente superior no Grupo Controle, quando equiparado aos valores obtidos nos demais grupos da pesquisa nesse mesmo estilo. Na visualização do conjunto dos dados, verificou-se que no Grupo Controle e no Grupo Experimental 1 o estilo agressivo, com relação aos demais estilos, foi o que apresentou o maior valor mediano, e no Grupo Experimental 2 foi o estilo assertivo que alcançou o maior valor. Embora essas variações não terem sido estatisticamente significantes, pudemos perceber alguma diferença, principalmente no Grupo Experimental 2, que participou do Programa de Intervenção.

As comparações intragrupos da entrevista CATs nos mostraram que a escolha pelo estilo agressivo foi maior no pré-teste do que no pós-teste, porém com significância somente no Grupo Controle, e a escolha pela tendência submissa de resolução de conflito aumentou no pós-teste, no Grupo Controle (com significância) e no Grupo Experimental 1. A tendência assertiva foi estatisticamente significante no Grupo Experimental 1, na qual aumentou no pós-teste, enquanto que a escolha pelo estilo misto submisso/assertivo diminuiu no pós-teste. No Grupo Experimental 2 as diferenças não foram estatisticamente significantes, porém os resultados demonstraram que a escolha pelo estilo misto submisso/assertivo aumentou no pós-teste.

Quanto à análise intragrupos das observações, não obtivemos valores significantes, porém pudemos verificar variações importantes em que, no Grupo Controle, o estilo agressivo aumentou consideravelmente no pós-teste e no Grupo Experimental 2, o estilo agressivo diminuiu no pós-teste.

Esses resultados demonstram que o Programa de Intervenção não surtiu o efeito desejável para a nossa pesquisa, embora algumas diferenças foram notadamente importantes, um dos fatores relevantes a esse aspecto é que o tempo destinado ao desenvolvimento da intervenção foi curto, com poucas sessões para mudanças tão importantes e longitudinais e o modo como provavelmente se estabelecem as relações na instituição, que referimos anteriormente, também foi um dos aspectos importantes para essa pouca diferença.

Considerações finais

Nossa pesquisa veio ao encontro da afirmação de Leme (2004) quando nos diz que é preciso programas escolares com a intenção de utilizar o conflito como oportunidade de desenvolvimento aos educandos, nos quais a criança seja estimulada a resolver seus próprios conflitos a fim de buscar sua autonomia moral. A contribuição deste estudo se deu exatamente nessa questão, pois pudemos perceber que trabalhar com o conflito como forma de aprendizagem é muito melhor do que simplesmente reprimir ou evitá-lo.

O Programa de Intervenção elaborado obteve efeitos sutis no favorecimento de formas mais apropriadas de resoluções de conflitos interindividuais, o que se justifica pelo pouco tempo destinado à realização do mesmo. Para que uma intervenção dê resultados significativos e duradouros é preciso que essa seja frequente e contínua, e as mudanças devem partir não apenas de uma pequena amostra, mas de toda a estrutura da instituição e das relações nela estabelecidas. Esse não é um fato isolado uma vez que algumas pesquisas levantadas não obtiveram o êxito desejado em seus programas de intervenção (Bastos, 2014; Oliveira, 1994) por motivos parecidos com os do nosso estudo.

Por fim entendemos que oportunizar as situações de conflito como momentos de aprendizagem, discutir e refletir com as crianças sobre o que assistem e levá-las a pensar sobre suas ações e juízos são fatores que contribuem muito para o desenvolvimento moral e, conseqüentemente, para a escolha de formas mais assertivas de resolução de conflitos.

Referências

- Bastos, C. Z. A. (2014). *O Desenvolvimento Moral na Educação Infantil: Contribuições da Literatura Infantil e dos Jogos Dramáticos e Teatrais*. 2014. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília-SP.
- Belloni, M. L. (2001). *O que é Mídia-Educação*. Campinas-SP: Autores Associados, Coleção polêmicas do nosso tempo.
- Boynard, A. L. S. (2002). *Desenho Animado e Formação Moral: influência sobre crianças dos 4 aos 8 anos de idade*. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro – RJ.
- Chávez, M. C. M.; Virrueta, E. R. (2009). La violencia en los dibujos animados norteamericanos y japoneses: su impacto en la agresividad infantil. *Alternativas en Psicología*, Año XIV(20), 26-34, Feb. Mar.
- Deluty, R. H. (1979). Children's Action Tendency Scale: A Self-Report Measure of Aggressiveness, Assertiveness, and Submissiveness in Children. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 47(6), 1061-1071.
- _____. (1981). Alternative-Thinking Ability of Aggressive, Assertive, and submissive Children. *Cognitive Therapy and Research*, 5(3), 309-312.

- Dorneles, A. P. C.; Biberg, C. O.; Luz, G. N.; Soares, N. R.; Filho, F. F. L. (2009). A influência do desenho Ben 10 e sua relação com o consumo. *Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão*, 1(1).
- Fagundes, A. J. F. M. (1999). *Descrição, definição e registro de comportamento*. São Paulo: Edicon.
- Fazollo, L. L. C. (2010). *A Presença da Televisão e suas Implicações / Influências no Âmbito Familiar*. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/a-presenca-da-televisao-e-suas-implicacoes-influencias-no-ambito-familiar/33213/>. Acesso em: 12 nov. 2013.
- Fernandes, A. H. (2003). A Televisão e o Cenário do Conhecimento das Crianças na Contemporaneidade. *Teias*, 4(7-8), jan/dez. Disponível em: [http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path\[\]=204&path\[\]=203](http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path[]=204&path[]=203). Acesso em: 19 maio 2010.
- Fiates, G. M. R.; Amboni, R. D. M. C.; Teixeira, E. (2008). Comportamento consumidor, hábitos alimentares e consumo de televisão por escolares de Florianópolis. *Revista Nutrição*, 21(1), 105-114, jan./fev.
- Garcez, A.M. (2010). *Animar, se divertir e aprender: as relações de crianças com programas especialmente recomendados*. 2010. 117f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro.
- Leme, M. I. S. (2004). Resolução de Conflitos Interpessoais: Interações entre Cognição e Afetividade na Cultura. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 367-380.
- Linder, J. R.; Gentile, D. A. (2009). Is the television rating system valid? Indirect, verbal, and physical aggression in programs viewed by fifth grade girls and associations with behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30, 286–297, Feb.
- Oliveira, D. M. S. (2011). *Televisão e formação moral: uma investigação sobre os conteúdos sociomoraes presentes nos desenhos animados*. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília-SP.
- Oliveira, F. S. (2006). *A verdade está nas mídias: a fabricação do real infantil na sociedade de consumo*. 2006. 167f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis.
- Oliveira, A. M. (1994). *Literatura Infantil e Desenvolvimento Moral: A Construção de Justiça em Crianças Pré-Escolares*. 125f. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas,SP.
- Pacheco, E. D. (1985). *O Pica-Pau: herói ou vilão?: representação social da criança e reprodução da ideologia dominante*. São Paulo: Loyola.
- Pereira Júnior, A. J. (2010). *Impacto da Violência Midiática na Formação da Criança e do Adolescente*. 2008. Disponível em: http://www.univforum.org/pdf/xzimpacto_dapt.pdf. Acesso em: 25 abr.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus. (Originalmente publicado em 1932).
- Rossi, C. E.; Albernaz, D. O.; Vasconcelos, F. A. G.; Assis, M. A. A.; Di Pietro, P. F. (2010). Influência da Televisão no Consumo Alimentar e na Obesidade em Crianças e adolescentes: uma revisão sistemática. *Revista Nutrição*, 23(4), 607-620.
- Silva, C.; Fonseca, E.; Lourenço, O. (2002). Valores Morais em Televisão: análise de uma série televisiva de grande audiência. *Ana Psicológica*, 20(4), 541-553, Nov.

- Statistic Package For Social Science/ personal computer for Windows version 18.0.
- Tardeli, D. (2010). *Herói na Sala de Aula: práticas morais para a utilização de filmes pelo professor no ensino fundamental e médio*. Santos: Universitária Leopoldianum.
- Vicentin, V. F. (2009). *Condições de vida e estilos de resolução de conflito entre adolescentes*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Vidigueira, V. C. R. (2006). *A Influência da Televisão no Desenvolvimento Sócio-emocional dos adolescentes*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Psicologia) –Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Portugal.
- Vinha, T. P. (2003). *Os conflitos interpessoais na relação educativa*. 2003, 426f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas-SP.